

Aos loucos de todo o gênero*

* Pronunciamento de Marcos Rolim realizado em junho de 1992, como deputado do PT, em sessão plenária da Assembleia Legislativa, alguns dias antes da votação do projeto da Lei da Reforma Psiquiátrica.

Sr. Presidente,
Srs. Deputados, Sras. Deputadas:

Eduardo Galeano escreveu que um índio, que vivia na praça de um povoado latino-americano, passava seus dias loucamente tocando um violão imaginário. Certa vez, um senhor consternou-se com o que julgara ser o sofrimento para aquele ser humano; afinal, de maneira quase convulsa, o índio procurava extrair um som de algo que não existia. Aproximou-se, então, do louco e presenteou-o com um violão de verdade. O índio examinou o instrumento e acabou por colocá-lo escorado no banco onde estava sentado. Agradeceu ao desconhecido e gentil homem dizendo-lhe: -“Obrigado. Agora, eu tenho dois”. E continuou a tocar seu instrumento imaginário.

A ajuda pragmática proposta ao índio não teve, em si mesma, qualquer efeito mensurável. Certamente, foi de mais valia a aproximação, a tentativa radicalmente humana de buscar um entrelaçamento, uma troca talvez impossível entre a razão e a desrazão. A história só reafirma o que já deveríamos saber, que na imaginação o corpo é incorpóreo, o invisível é visível e os resultados independem dos elementos físicos presentes na cena da praça. Mas ela trata, também, sobre a forma como vemos o mundo. Não se trata de discutir sobre a maneira de se extrair som de um objeto; sim de saber qual a postura possível para que nas fronteiras da normalidade se produza um diálogo solidário.

Medindo essas fronteiras e indo além delas, podemos renascer e revisar nossos consolidados conceitos. Algumas vezes, mesmo quando pensamos em

presentear um violão, podemos estar pondo fim ao sonho de um músico de nossas praças, de um imaginador que, sabe-se lá a custa de que metodologia, atingiu o mais buscado elemento por aqueles que elaboraram irretorquíveis sinfonias: o contraponto entre o que é audível e o que não é, entre o som e o silêncio, entre a paixão e a fúria. É no apaixonado silêncio, no vazio das notas, onde as sinfonias são escritas e, sempre, de forma anormal. Raro é encontrar – nos dias que seguem – quem busque travar contato entre um silêncio e outro atrás de uma sonoridade; essa ousadia ímpar dos seres humanos costumamos apaga-la em nome da simples repetição do já ouvido, em nome da normalidade.

Por ousadias semelhantes, Van Gogh foi enclausurado. Ele trabalhava a cor que não havia, a tela que não existia, a realidade impossível. Para Van Gogh o mundo existe em trepidação; seus paradigmas estão desassentados, há corvos sobre os trigais e ruelas que avançam para dentro de nossas cabeças. Pressionado, ele não cedeu ao sonho padronizado, à imaginação serial, aos acabamentos ditados por uma estética vencida em sua genialidade. Colhendo e acumulando em medidas o espanto, a vertigem, o contorcimento, a saga humana manejada, a chuva azul, densa e paralisada contra o céu de seu tempo, Van Gogh passou como a chuva que não passa. Hoje, é elementar falar em seus sofrimentos e nos colocamos em uma posição "madura" para compreender os exageros de sua alma e reconhecer que seu gênio lhe impôs uma desgraça constante. Assim, a cada leilão de suas obras, é como se a humanidade purgasse suas culpas em lances de milhões de dólares. Com a nossa própria soberba procuramos apagar a angústia do trágico mestre que só necessitava de tintas, alimentos e corvos sobre trigais.

Machado de Assis, no final do século XIX, escreveu o conto "O Alienista", onde trata do Poder e da Loucura. Na cidade de Itaguaí, o médico Simão Bacamarte constrói um hospício e lhe dá o nome de "Casa Verde". É nesse espaço que Simão Bacamarte brinda o mundo com experiências no campo da Saúde Mental, das quais seria possível rir estivéssemos nós apenas diante de uma ficção literária. Para a Casa Verde, respaldado pela ciência e pela Lei, o médico passa a enviar aqueles considerados "doidos" em suas mais amplas

diagnoses: os mansos, os furiosos, os monomaníacos, os desesperados de espírito. Em Itaguaí e redondezas ninguém escapou de suas mãos. Em um só prontuário, estava toda a Câmara de Vereadores sendo avaliada e seus pares devidamente enredados nos cubículos do sanatório. Simão Bacamarte, após vasculhar a intimidade de toda a população, sente que lhe foge a gênese da loucura e acaba por se autointernar, em nome de uma doutrina nova cujo primeiro exemplo era ele próprio.

Na vida real, neste país, foi um Decreto Lei de número 24.559, de 3 de julho de 1934, que pretendeu oferecer o respaldo pelo qual a vida imita a arte. É este documento, jamais revogado por qualquer lei, que instituiu o Conselho de Proteção aos Psicopatas, que tratou da loucura consagrando o princípio da exclusão, que permitiu que, em nome da moral e da ordem pública, qualquer ser humano fosse interdito nas aterrorizantes Casas Verdes que se espalharam e multiplicaram.

Goethe, no célebre Fausto, fala várias vezes em loucura e seu personagem, que toma para si o desafio de suprimir as pegadas da trilha da normalidade, dialoga diretamente com Mefistófeles, um espírito diabólico, real e audível. Ao pactuar com o demônio, adverte Fausto:

“- Entendamo-nos bem. Não ponho eu mira na posse do que mundo alcunha gozos. O que preciso e quero é atordoar-me. Quero a embriaguez de incomportáveis dores, a volúpia do ódio, o arroubamento das sumas aflições. Estou curado das sedes do saber; de ora em diante, às dores escancaro esta alma. As sensações da espécie humana em peso, quero-as dentro de mim, seus bens, seus males mais atrozes, mais íntimos, se entranhem aqui onde, à vontade, amente minha os abrace, os tasteie; assim, me torno eu próprio e humanidade; e se ela ao cabo perdida for, me perderei com ela”.

O tema da loucura encanta quem o toca. Ao abordar a loucura – alerta-nos Galeano, Machado e Goethe -, não devemos prescindir dela. Ela não invade apenas os outros como pensou o médico Bacamarte. Ela é em nossas vidas às vezes um acaso, às vezes uma necessidade. Tocá-la pode ser irreversível; desconsiderá-la será lamentável. Ela transita nos sábios e nos honrados pares; elege imperador o sapateiro que pensou ser a vida uma sucessão de solas de sapato; transporta para a glória aquele fracassado pintor que soube acenar

com fornos crematórios a uma Alemanha empalidecida. A loucura é capaz de legislar e consagrar, ainda que temporariamente, um incêndio para a diversão dos monótonos romanos, exauridos pelo tédio das conquistas. A loucura, quando desdenhada e posta a reboque de uma monumental farmacopeia, pode deixar marcas em gerações. Como naquele país, àquela época, quando os meses já não coincidiam com os dias, as férias com o verão, as salas de aulas com os alunos, os professores com os colégios, os colégios que, finalmente, se bastaram no vazio dos quadros negros.

A loucura, por outro lado, não é um formidável privilégio. A loucura é um sofrimento que pode ser minimizado. O primeiro requisito para esta tarefa talvez seja tão imaterial quanto a própria enfermidade: a compreensão capaz de promover a liberdade radical, essa que não cessa mesmo quando o arbítrio está comprometido, essa que não pode ser sedada, nem presa a um catre o onde quer que seja.

Ainda hoje, há quem imagine loucamente que os manicômios devem ser mantidos. A todos esses que sustentam modernamente a clausuram o confinamento, deve-se lembrar o quanto é comum a expressão “Estão me deixando louco”. Difícil, novamente, é seu contraponto: “Estão me tirando da loucura”. Sim, porque o modelo manicomial só é capaz de produzir mortificação; ele reduz o doente à sua doença e pensa ser possível enfrentar a segunda sem conhecer o primeiro.

A loucura talvez seja um atalho utópico à utopia, um jogo de espelhos onde o infinito se ausentou. A loucura descreve um grito deslizando sobre um vidro sem ângulo e sem superfície, suspenso, sem atrito, sem sinal. Ela é o somatório de todos os baldios; é o vazio superlotando-se de vazios. E se é preciso recorrer às metáforas para descrevê-la, talvez seja porque a poesia é a loucura das palavras. Ao centro está um ser humano de olhar rente e disperso, um ser sem aceno, pleno ao centro do seu sol.

Tenho aprendido com muitos profissionais da saúde mental que é possível construir com os loucos um caminho de retorno. Mais do que isso: tenho

conhecido muitos loucos que voltaram a brilhar depois que lhes foi oferecido a possibilidade do respeito, do carinho, do exercício da sexualidade. Muitos deles ultrapassaram o dócil "maluco beleza" que gostaríamos de ter como confrade em uma mesa de bar. Foram, na verdade, os "malucos dureza", servidos à mesa da medicina tradicional que os despiu dos seus dolmãs de Napoleão e os remeteu à fome das paredes das celas sem luz, para os rígidos horários, para os abusos medicamentosos e para os choques elétricos. Na clausura absoluta, destinados à mutilação e ao mutismo, estiveram a sós e nus com sua própria sorte, penalizados por deixarem-se levar pelo canto das sereias quando no passado de suas vidas, ainda era tempo de se atarem aos mastros de suas frágeis embarcações.

É para lá que os remeteremos? É lá que os queremos? Acreditamos que não. Que é preciso comungar a alucinação de Fausto. Assim me incluo na multidão de sonhadores, dialogo com meus tormentos e os quero humanos. Visito o arroubamento e também escancaro minha alma para as aflições mais atrozes. A derrubada dos muros faz parte do meu pacto com Mefistófeles, em ampla geografia; penso que ela me define de Berlin ao São Pedro. O fim dos manicômios está como um "sonho delgado" para que possamos transitar na multiplicidade dos labirintos propostos por Jorge Luís Borges. Ele, que com apenas dois espelhos, mostrou a um gaúcho curioso o infinito. Comungo com todos os curiosos do universo a esperança de que os sofrimentos psíquicos possam ser minimizados à flor da terra, a olhos vistos, ao relento das praças, nas ruas de nossas cidades. Levar para os antros os astros fugidios em seus pesadelos não está na minha imaginação, não faz parte da minha loucura.

Perdida a possibilidade de livremente tratarmos os que sofrem psiquicamente, mesmo quando evoluímos em meios e métodos os quais não possuíam os contemporâneos de Van Gogh, é aceitar um retrocesso ao tempo onde os muros floresciam como as rosas em um jarro de natureza morta, onde a humanidade só era viável intramuros, protegida não se sabe de que, mas certamente dela própria. Perdida essa possibilidade, sim, me perderei com ela.

Muito obrigado.